

Fecha de recepción: 12-diciembre-2020

Fecha de aceptación: 29-julio-2021

AGROBIODIVERSIDADE DOS ROÇADOS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE PROVIDÊNCIA MUNICÍPIO DE SALVATERRA, ILHA DO MARAJÓ - PA, BRASIL

Victor Miranda Leão^{1*} e Angela May Steward¹

¹Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares - INEAF, Universidade Federal do Pará. Cidade Universitária José da Silveira Netto, Belém, PA, Brasil.

*Correo: victor_mirandaleao@yahoo.com.br

RESUMO

O presente artigo é fruto de um estudo que teve por objetivo analisar a agrobiodiversidade dos roçados da comunidade quilombola de Providência, Salvaterra, Marajó – PA, bem como a relação da comunidade com a diversidade manejada *in situ* no contexto das mudanças recentes registradas no que se referem a diminuição dos roçados nas comunidades ou a transição, em alguns casos, para o monocultivos do abacaxi nas comunidades próximas. Para isso foram obtidos dados via observação participante e entrevistas não diretivas com os representantes de oito unidades familiares. Também aplicou-se lista livre e questionários semiestruturados, que versaram sobre aspectos socioeconômicos e produtivos e buscaram entender o papel de cada elemento dos roçados para a cultura local. Foram identificados o manejo de oito cultivos (mandioca, macaxeira, jerimum, maxixe, abacaxi, melancia, arroz e milho), dos quais destaca-se o de mandioca por apresentar maior índice de saliência cultural e consequentemente maior domínio cultural pelos moradores da comunidade. Trata-se de uma espécie de predominância absoluta nos roçados, destinada ao autoconsumo. Ao todo são 11 etnoviedades de mandioca: *açaíznho*, *arité*, *cachorrinho*, *folha fina*, *pacajá*, *pacuí*, *paimané*, *tareza*, *tucumanzinho*, *vermelhinha* e *zohuda*. Outra espécie de grande destaque foi o abacaxi, cuja produção atende fins comerciais para complementação da renda familiar. Os demais cultivos são de caráter sazonal como é o caso do jerimum, maxixe e melancia, colhidos em até três meses após o plantio. O sistema de produção do roçado “alimenta” a comunidade para além das questões nutritivas, pois nutre as tradições locais, seja no preparo de comidas e bebidas típicas presentes nas festividades, como o cotidiano dos moradores e as tradições que se expressam nas casas de farinha e que regem seu preparo.

PALAVRAS-CHAVE: Agricultura de coivara, Amazônia, Cultura, Conhecimento tradicional.

SWIDDEN AGROBIODIVERSITY IN THE QUILOMBOLA COMMUNITY OF PROVIDÊNCIA, SALVATERRA, MARAJÓ ISLAND, PARÁ, BRAZIL

ABSTRACT

The current study sought to analyze the agrobiodiversity of the swiddens in Quilombola community of Providência, Salvaterra, Marajó – PA, as well as the relationship between the community and managed diversity in the context

of the recent changes, including the reduction of swiddens in neighboring communities of the shift to cultivating pineapple in monocultures in nearby communities. It also examined the relationship between the community and the diversity maintained by its members. To this end, data were collected through participant observation and non-directive interviews with representatives from eight families. Free lists and semi-structured interviews were also applied, which dealt with socio-economic and productive patterns and sought to understand the role of manioc swiddens to the local culture. Eight crops were identified (sweet and bitter manioc, cassava, manioc, squash, *maxixe*, pineapple, watermelon, rice and corn), of which manioc stands out for its high level of salience and, consequently, greater cultural dominance by community residents. Manioc predominates fields maintained mainly for household consumption. Altogether there are 11 ethnovarieties of mandioca: *açaíznho*, *arité*, *cachor-rinho*, *folha fina*, *pacajá*, *pacuí*, *paimané*, *tareza*, *tucumanzinho*, *vermelhinha* and *zohuda*. Another species of importance is pineapple produced for commercial sale, contributing to family income. Other crops are seasonal in nature, such as squash, *maxixe* and watermelon, harvested within three months after planting. The swidden production system “feeds” the community beyond providing nutrition, as it nourishes local traditions, both in the preparation of traditional foods and beverages present in the festivities, and the daily lives of residents and the traditional practices expressed in manioc processing areas that govern their preparation.

KEYWORDS: Amazonia, Culture, Swidden agriculture, Traditional knowledge.

INTRODUÇÃO

Os roçados são sistemas de produção agrícola secular associados a agricultura de “corte e queima”, prática tradicional que visa o manejo dos recursos naturais com a finalidade de aproveitar o capital energético e nutritivo da vegetação e do solo (Mcgrath, 1987; Rego e Kato, 2017). Esse processo consiste na derrubada de uma parcela da mata sucedida de sua limpeza, queima, e incorporação dos cultivos (Padoch e Pinedo-Vasquez, 2010).

A domesticação das espécies é um processo evolutivo conduzido pelo homem, e visa selecionar espécies e variedades com características de seu interesse seja por hibridação natural / artificial, mutações ou deleções (Veasey *et al.*, 2011). Nos roçados é catalisado por experiências empíricas desenvolvidas e repassadas ao longo de gerações (Clement, 2001).

As trocas e a seleção de espécies de maior interesse viabilizam o surgimento de novas variedades (Feldens, 2018). Por esse motivo, espécies como a mandioca (*Manihot esculenta* Crantz) apresentam números altamente expressivos de variedades, com mais de

150 em uma mesma região como é o caso do Alto Rio Negro no estado do Amazonas (Emperaire e Eloy, 2008). Amazonas (2018) aponta que os valores expressivos de das variedades nas plantações contribui para a manutenção da riqueza biológica local, uma vez que colabora para o aumento da variabilidade genética.

Na região amazônica, mesmo predominando a cultura da mandioca, umas das principais fontes nutricionais de populações locais, a composição dos roçados abriga outras espécies alimentícias de interesse da comunidade (Pereira, 2008). Milho (*Zea mays* L.), abacaxi (*Annanas comosus* (L.) Merrill), melancia (*Citrullus lanatus* (Thunb.) Matsum. & Nakai), jerimum (*Cucurbita* sp.), feijão (*Phaseolus vulgaris* L.), dentre outras, contribuem para a composição de coleções que atuam como verdadeiros bancos germoplasma (Duarte e Pasa, 2016).

Para além dos aspectos produtivos, os roçados expressam valorosas e complexas relações que conjugam as práticas agrícolas e os valores sociais do grupo (Torres, 2011). O preparo da área para o plantio, os mutirões e as colheitas ditam a rotina local (Martins, 2005; Pereira, 2008), de modo que as comunidades tradicionais assumem o protagonismo na conservação da agrobiodiversidade por meio da manu-

tenção dos cultivos e compartilhamento, troca ou replantio de mudas e sementes (Lima *et al.*, 2013; Nogueira, 2017).

Nessa categoria estão as comunidades quilombolas, são espaços múltiplos e variados. Apesar da predominância negra, eles são constituídos por grupos étnicos raciais com trajetória histórica própria, como os indígenas, brancos e etc., que ao longo da história foram se integrando aos quilombos como estratégia de sobrevivência, luta e resistência (BRASIL, 2003). O que de fato marca o conceito são as relações territoriais e socioculturais específicas, expressas também nas práticas produtivas como agricultura, extrativismo, pesca e artesanato e que delineiam o autorreconhecimento que transpassa o tempo e se expressam nas crenças e costumes diários que se ressignificam perante o dinamismo cultural (Furtado *et al.*, 2014; Lima Filho, 2016; Souza, 2018).

No intuito de compreender a relação ser humano com seus cultivos emerge o conceito de agrobiodiversidade, definido por Santilli (2012) como a diversidade biológica existente nos sistemas cultivados, sendo produto direto da intervenção humana na domesticação das espécies. Ela precisa ser compreendida no contexto multicultural na qual ela está inserida, sendo responsável pelo processo evolutivo nos mais diversos níveis de organização biológica (gene, espécie, população, comunidade, ecossistema e paisagem) ao longo da história (Stupino *et al.*, 2014).

Estudos que vêm sendo desenvolvidos em comunidades tradicionais na região amazônica como os de Martins (2005); Emperaire e Eloy (2008); Lisboa (2012); Lima *et al.* (2013); Cardoso (2015); Steward e Lima (2017) retratam as diversas formas de manejos dos roçados praticados por grupos tradicionais. Dentre eles, Lisboa (2012) e Cardoso (2015) voltam suas análises para a região do Marajó, em especial para o município de Salvaterra – PA com os quilombolas, considerando suas particularidades com o intuito de compreender o seu papel na dinâmica da agrobiodiversidade local e sua importância para a preservação do patrimônio genético agrícola.

O município de Salvaterra, na ilha do Marajó - PA é constituído por 15 comunidades quilombolas (35% da

população do campo) e tem na agricultura, pesca e criação de animais suas principais fontes de renda e alimentação (Gomes *et al.*, 2018; Nascimento e Barros, 2019). A composição desses deles não é homogênea pois é constituída por uma diversidade étnica que historicamente envolve a miscigenação de negros e indígenas (Guimarães, 2020). A agrobiodiversidade local tem sido foco de estudos, ainda incipientes, que visam compreender o papel das comunidades tradicionais na sua preservação (Sander *et al.* 2014; Furtado *et al.*, 2014).

A pesquisa visa contribuir para o campo crescente de estudos sobre agrobiodiversidade nas comunidades quilombolas do Brasil no contexto das transformações atuais, incluindo: expansão de monocultivos, conflitos territoriais, questões ambientais e os efeitos das mudanças territoriais, em função dos processos de demarcação e titulação de terra. Mais especificamente, soma com estudos para região do Marajó que apresenta carência de pesquisas que tratem do tema.

As dos discursões globais sobre a conservação da agrobiodiversidade, que tratam de sua conservação visando a sustentabilidade e valorização dos sistemas produtivos tradicionais, é importante compreender as particularidades desses sistemas de cultivo como seu modo de vida e identidade cultural, assim como seu papel na manutenção da agrobiodiversidade. Bem como o contexto local com a expansão do monocultivos do abacaxi e até da abdicação do roçados em comunidades quilombolas da região, o estudo partiu da seguinte pergunta de partida “Quais as espécies cultivadas são cultivadas nos roçados pela comunidade, e como as práticas culturais influenciam na seleção e manejo delas?”, tendo por objetivo analisar agrobiodiversidade dos roçados da comunidade quilombola de Providência, Salvaterra, Marajó – PA, bem como a relação comunidade com a diversidade cultivada.

MATERIAL E MÉTODOS

Área de estudo. O estudo foi realizado na comunidade quilombola Providência situada no município de Salvaterra, no arquipélago do Marajó (Figura 1), que

está localizado a 90 km de Belém, capital do estado do Pará, e o acesso se dá por via fluvial (Melo e Barros, 2016). O clima da região é tropical, quente e úmido com chuvas e ventos regulares e temperatura média anual de 27°C (Salvaterra, 2012). A vegetação é de floresta pouco densa com predominância de palmeiras, campos inundáveis e áreas de igapó, além de uma grande extensão de vegetação campestre (campos herbáceos, gramíneos e savanas) (Salvaterra, 2012). A agricultura, pecuária, pesca estão entre as principais atividades econômicas da região, com destaque para o cultivo de mandioca, milho, abacaxi e feijão pela agricultura familiar (IBGE, 2010).

No município de Salvaterra 15 comunidades se auto- definem como quilombolas e, juntas, representam 35% da população do campo (Gomes *et al.*, 2018). Dentre elas, está a comunidade quilombola de Providência, reconhecida pela Fundação Cultural Palmares em

2006 e que aguarda a titulação da terra pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Ela é composta por 12 famílias e 43 moradores, e já integrou a comunidade de Deus Ajude, onde fica a escola de ensino fundamental mais próxima. Os serviços de saúde são realizados na sede do município em Salvaterra, bem como obtenção de gêneros alimentícios que integram a cesta básica das famílias e equipamentos de agricultura e pesca. Conta com o abastecimento de água e luz e tem como principal lazer o futebol (Figura 2).

A seleção da área de estudo ocorreu por meio de visitas exploratórias a comunidades quilombolas da região, em fevereiro de 2019, que tiveram como objetivo: a) estabelecer o primeiro contato com os moradores e criar vínculos no ambiente da pesquisa; b) solicitar autorização das lideranças comunitárias para a realização do trabalho; c) observar outros parâmetros de interesse da investigação, como presença e quantidade de roçados

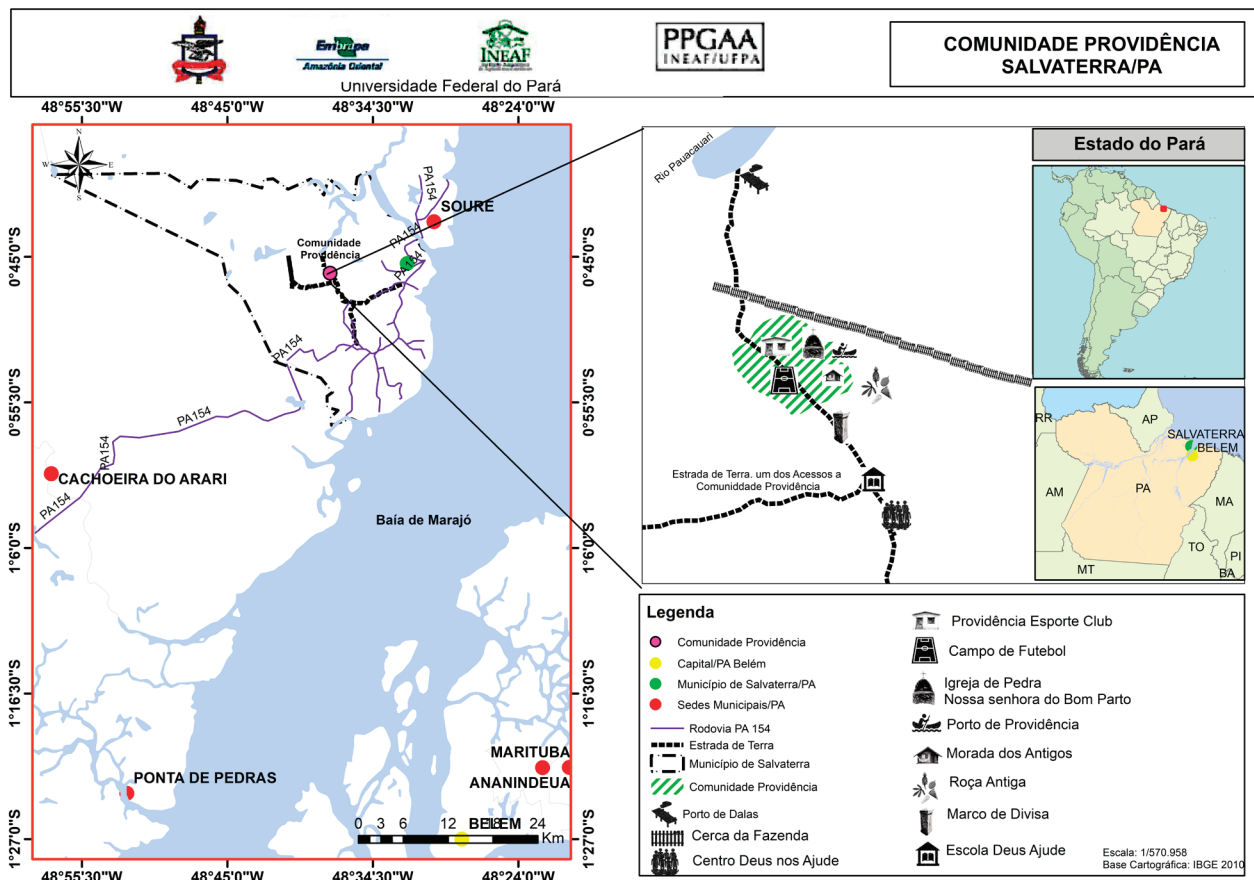


Figura 1. Comunidade quilombola de Providência, Salvaterra, Ilha do Marajó, Pará, Brasil.



Figura 2. Comunidade quilombola de Providência, Salvaterra, Ilha do Marajó, Pará, Brasil. A) Imagem panorâmica da comunidade; B) Roça antiga (com mais de ano) cercada; C) Moradora apresentando área recém preparada e já com as mudas das plantas (roça nova).

e agricultores que viabilizasse a realização do estudo.

Autorizações e seleção dos interlocutores. As autorizações foram solicitadas aos moradores por meio da assinatura dos Termos de Consentimento Livre esclarecido – TCL; ao Conselho de Gestão do Patrimônio Genético – CGEN por meio do cadastro do projeto no Sistema Nacional de Gestão do patrimônio Genético (SisGen); e ao Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade – SISBIO para a coleta de material botânico quando necessário.

Os interlocutores foram selecionados por amostragem não probabilística de *rede* (Vinuto, 2014), na qual um informante-chave indica outros informantes com o mesmo perfil (pessoas manejam e são proprietárias do roçado), criando, assim, uma rede de interlocutores a partir de um tema em comum. O estudo foi embasado em uma perspectiva quali-quantitativa, a fim de investigar, por

meio de questionários e vivência a agrobiodiversidade vegetal dos roçados, os saberes e tradições vinculado ao cultivo das espécies (Paschoarelli *et al.*, 2015).

Coleta de dados. Foram realizadas entrevistas diretas (Michelat, 1987) com oito agricultores moradores da comunidade, cada qual representante de uma unidade familiar. Destes 50% são homens e 50% mulheres, com faixa etária entre 40 e 82 anos. As entrevistas foram orientadas por questionários semiestruturados (Boni e Quaresma, 2005), direcionado aos representantes das unidades responsáveis pelos roçados, com abertura para a livre participação dos demais integrantes da família.

O questionário foi dividido em duas partes, a primeira relacionada a Lista Livre almejando o mínimo de interferência ou ruídos proveniente de outras perguntas, pela qual buscou-se aferir o conjunto de espécies pertencentes ao domínio cultural (conjunto de saberes de um grupo

ou comunidade) referente ao roçado (as espécies da lista livre não necessariamente precisam estar presentes nos roçados, pois o entrevistado é livre para citar o que ele quiser, podendo até mesmo citar espécies que já foram cultivadas no passado). Para isso foi solicitado ao interlocutor que citasse as plantas mais importantes de seus roçados (Brewer, 2002). Quando identificada a dificuldade na citação de nomes, fizemos a indução não-específica (Albuquerque *et al.*, 2008), na qual indagamos o interlocutor para reforçar a recordação das espécies.

A segunda parte do questionário foi composta por perguntas de cunho socioeconômico e produtivo a saber: dimensão dos roçados (medida da área/extensão), tipos de cultivo e suas variedades, formas de obtenção de mudas e sementes, cultivos do passado, preparo, manutenção da safra de todos os cultivos e colheita.

Posteriormente, visando a melhor compreensão das tradições e dos costumes vinculados ao roçado e sua influência nas práticas alimentares da comunidade, foi realizada a observação participante (Valladares, 2007), com vivência de campo por 60 dias durante os meses de maio, julho, agosto e novembro, quando se permitiu visualizar as atividades nos roçados, o preparo de alimentos, a produção de farinha, bem como a interação em festividades, torneios e demais festejos. Nessa fase foram obtidos registros fotográficos, bem como anotações e gravações de áudios durante as entrevistas.

Coleta de material botânico. O material botânico foi coletado nas turnês guiadas (Albuquerque *et al.*, 2008), que são visitas realizadas às áreas produtivas junto ao proprietário ou especialista com a finalidade de obter amostras das plantas com a referida indicação dele. Por meio das turnês guiadas, é possível adquirir informações etnobotânicas com o objetivo de elaborar as descrições dos aspectos morfológicos, formas de uso, partes utilizadas, forma de manejo e conservação das espécies cultivadas e de suas variedades.

Os procedimentos da coleta foram realizados de acordo com o guia de *Coleta e identificação de espécimes*

botânicos (Martins da Silva *et al.*, 2014), na qual se obteve cinco amostras férteis de cada indivíduo de cada espécie e de suas respectivas variedades dos roçados de cada roçado. Os nomes científicos foram determinados por meio de chaves de identificação taxonômica e comparados com material testemunha em herbário e de bases de dados online como o Herbário Virtual do Reflora (<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/herbarioVirtual>), Specislink (<http://www.splink.org.br/index?lang=pt>), New York Botanical Garden (<http://sweetgum.nybg.org/science/vh/>) e Tropicos - Jardim Botânico de Missouri (<https://www.tropicos.org/home>). Após a identificação, as amostras foram incorporadas ao Herbário MFS Profa. Dra. Marlene Freitas da Silva da Universidade do Estado do Pará.

Análise dos dados. As informações obtidas por meio dos questionários e do caderno de campo foram sistematizadas em planilhas eletrônicas no programa Microsoft Office Excel, e as gravações das entrevistas foram transcritas no Microsoft Office Excel Word formando assim um banco de dados. Essas informações fomentaram a análise do Índice de Saliência Cultural (ISC) e a sua correlação com as formas de manejo.

Com os dados da lista livre e auxílio do software Anthropac (versão 1.0.2.60) (Borgatti, 1989), foi calculado o Índice de Saliência Cultural (ISC) (Smith, 1993), que permite avaliar a relação que estabelecida entre o agricultor com as espécies cultivadas considerando os aspectos culturais. O índice varia entre zero e um, quanto mais próximo de um, maior a presença do elemento analisado no domínio cultural, sendo este citado com maior frequência e entre os primeiros do *rank*, ou seja, lembrado quase que instantaneamente pelos moradores ao listarem as espécies que compõem os roçados.

Cada item citado na lista livre atendeu à pergunta dirigida aos moradores e a forma como estes a abstraíram e a compreenderam (Brewer, 2002). Portanto, as plantas citadas são projeções de suas memórias e sentimentos ligados à palavra-chave da pergunta (Brewer, 2002). Os valores do índice de saliência (ISC) permitem a sistematização do domínio cultural, contribuindo para a

visualização consensual das espécies mais expressivas, bem como a sinalização de particularidades sinalizadas pelos valores baixos (Borgatti, 1992).

A partir dos dados obtidos com a lista livre é elaborado um ranqueamento das espécies citadas, na qual a primeira espécie citada fica em primeiro no *ranking* e assim sucessivamente, essa informação é inserida no *software* Antropac pilersorts, que processa os dados e projeta o Mapa de Escala Multidimensional – MDS (Ferreira *et al.*, 2014), com a distribuição das espécies citadas pelos moradores na lista livre. O mapa apresenta dois eixos que juntos expressam o domínio cultural da comunidade, ou seja, a valia a expressividade cultural de uma espécie frente para a comunidade. As espécies distribuídas mais próximas ao centro representam, aquelas que possuem maior expressividade no domínio cultural, e o contrário são as espécies com menor IS. Essas foram citadas apenas por uma pequena parcela de moradores (um ou dois), ou citadas por último na lista livre dos entrevistados (baixo *rank*).

Para caracterizar a diversidade das variedades de mandioca, espécie predominante nos roçados amazônicos e pela qual as variedades são recebem etnodescrições características por cada comunidade, o que aprofunda a discussão e o entendimento da relação da comunidade com seus cultivos (Emperaire, 2016), calculou-se o índice de diversidade de Simpson (D-1) (Simpson, 1949) (por se tratar de variedades de uma mesma espécie), uma vez que trata-se da e, nele, D diminui na medida em que a distribuição das variedades é mais equitativa. Desse modo, quanto mais próximo de um a forma 1-D estiver, maior a diversidade do local, ou seja, trata-se de um índice que avalia não só a quantidade, mas também a distribuição das variedades na comunidade (Lima *et al.*, 2012).

RESULTADOS

O roçado, junto a pesca, criação de animais, extrativismo e artesanato, são as atividades produtivas desenvolvidas pelos moradores da comunidade. Ao todo são cultivadas cinco espécies nos roçados mandioca (*Manihot* sp.),

maxixe (*Cucumis anguria* L.), jerimum (*Curcubita* sp.), melancia (*Citrullus lanatus* (Thunb.) Matsum e abacaxi (*Annanas* sp.). Os cuidados com os roçados demandam maior tempo na rotina da comunidade, pois exigem visitas frequentes para capina, colheita, verificação de ocorrências de ataques a plantaço (animais - porcos e pragas – formigas) e condição dos cercados (quando necessário são organizados mutirões para construção e revitalização deles).

O cultivo da mandioca atende prioritariamente o auto-consumo, sendo praticada pelos oito entrevistados e seus excedentes são comercializados na própria comunidade ou no centro da cidade de Salvaterra. O abacaxi, por sua vez, está presente em 37.5% dos roçados, e seu cultivo está estritamente associado a comercialização.

Os demais cultivos, tal como a como maxixe, jerimum e a melancia estão presentes em 65% dos roçados, por serem espécies pouco exigentes (nutrientes) e de frutificação rápida (sazonalidade) que não interferem no desenvolvimento das mandiocas.

A lista livre evidenciou oito espécies e suas etnovarietades, que constituem o domínio cultural da comunidade para as plantas cultivadas nos roçados (Tabela 1). É notável que ela apresenta três espécies a mais se comparado as que estão presentes nos roçados, como é o caso da macaxeira, que mesmo sendo da mesma espécie da mandioca é considerada pelos moradores como uma espécie diferente, e o arroz (*Oryza* sp.) e o milho (*Zea mays* L.) que está muito presente na memória dos mais velhos, pois já foram cultivadas no passado.

A mandioca é a espécie com maior número de etnovarietades, ao todo são 12 etnovarietades, *açazinho*, *arité*, *cachorrinho*, *folha fina*, *pacajá*, *pacuí*, *paimané*, *preta*, *tareza*, *tucumanzinho*, *vermelhinha* e *zolzuda* compõem o repertório de variedades de mandioca da comunidade, cada qual com suas características conforme indicadas pelos interlocutores da pesquisa, que são destinadas à produção de farinha de mesa (flocos advindos da torração da massa da raiz da mandioca após a moagem), tucupi (Líquido parcialmente fermentado proveniente da

Tabela 1. Cultivos dos roçados da comunidade quilombola de Providência e seus respectivos Índice de Saliência – IS e frequência de citações com base na Lista Livre. Salvaterra, Ilha do Marajó, Pará, Brasil, 2019. OBS: O milho apresenta índice de saliência maior que o abacaxi mesmo com frequência de citação menor, pois nas poucas vezes em que foi citado na lista livre foi com maior ranqueamento (entre as primeiras espécies).

CULTIVO	NOME CIENTÍFICO	IS	FREQUÊNCIA (%)	VARIETADES LOCAIS
Mandioca	<i>Manihot</i> sp.	0,892	100	Açaizinho
				Arité
				Cachorrinho
				Folha fina
				Pacajá
				Pacuí
				Paimané
				Tareza
				Tucumanzinho
				Vermelinha
				Zolhuda
Macaxeira	<i>Manihot esculenta</i> Crantz	0,642	87,5	Branca
				Manteiga
				Roxa
Maxixe	<i>Cucumis anguria</i> L.	0,433	87,5	Amarela
				Preta
Jerimum	<i>Cucurbita</i> sp.	0,388	87,5	Com pelo
				Sem pelo
Melancia	<i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Matsum. & Nakai	0,229	50	Redondo
				Pequeno
Abacaxi	<i>Annanas</i> sp.	0,146	50	Branca
Milho	<i>Zea mays</i> L.	0,167	25	Vermelha
Arroz	<i>Oryza</i> sp.	0,104	12,5	-

trituração, prensagem e lavagem da massa da mandioca), goma (sedimentação obtida da lavagem da massa da mandioca), crueira (produto da peneiragem da massa da farinha de mandioca, são grossos e contendo resquícios da raiz. É torrado e batido e coado até que se adquira textura de pó), macaco (bebida oriunda da fermentação da farinha de mandioca) e tiborna (bebida oriunda da fermentação da massa cozida da mandioca).

A mandioca foi a espécie que apresentou maior IS (0.892), resultado de sua importância cultural na comunidade, por ser citada por todos os moradores na

lista livre, sendo a primeira espécie citada em 90% dos casos. Em seguida, macaxeira (0.642), maxixe (0.433), jerimum (0.388) e melancia (0.229) seguem, em ordem decrescente, e coadjuvam o espaço da roça com a mandioca.

O MDS agrupa as espécies mais representativas no domínio cultural, destacando-se os *outliers* (valores próximos de zero), que, por apresentarem baixa frequência de citações e ranqueamento na lista livre, evidenciam os rompimentos do domínio cultural, são eles: abacaxi (0.146), milho (0.167) e arroz (0.104) (Figura 3).

O abacaxi está presente em três dos oito roçados e naturalmente se afasta do centro do MDS, pois apresenta um baixo ranqueamento em razão de ser um cultivo destinado majoritariamente à comercialização, sendo citado apenas por três agricultores. Em seguida, milho e arroz protagonizam casos particulares, pois não estavam presentes em nenhum dos roçados, mas foram citados por terem sido plantados pelos moradores mais antigos durante a aplicação da Lista Livre, por serem espécies que já foram cultivadas no passado, estando presente em suas memórias.

Para as etnovariedades de mandioca, o índice de diversidade de Simpson (1-D) foi de 0.88. Isso retrata bem a realidade do local, visto que a composição da maioria dos roçados da comunidade é composta quase sempre pelas mesmas etnovariedades de maniva, variando uma ou duas variedades, indicando certo grau de homogeneidade entre os roçados, no que se refere a variedade de mandioca cultivadas.

Agricultura de coivara e implantação do roçado.

Durante as entrevistas dos moradores narraram todas as etapas para a implantação do roçado, e cada uma delas repleta de particularidades e minúcias que exigem atenção e dedicação, bem como planejamento e trabalho coletivo, as primeiras etapas são predominantemente

de participação masculinas, sendo a participação das mulheres e crianças na etapa do plantio. Assim, faremos a individualização de cada etapa:

- Escolha da área para o plantio: são selecionadas áreas distantes de criadouros animais, de fácil acesso e com presença de madeira para construção das cercas e produção de carvão em um espaço separado do roçado.
- Marcação da área e formação dos aceiros: se trata de uma área de uso comum, mas a delimitação familiar é importante para sinalizar que um trabalho de plantação está sendo iniciado no local, assim como também colabora para a delimitação do espaço em que será implantado o cercado. Em seguida, faz-se aceiros, que consiste na capina de um a dois metros da borda da área, seguido com derrubada mata e poda de árvores ao redor. Em seguida, com auxílio de uma enxada, são cavadas valas ao redor da área para evitar que o fogo se espalhe além dos limites do roçado, sendo uma etapa que exige muito esforço físico e, dependendo Agrda densidade da mata, há a necessidade do auxílio de equipamentos, como motosserra e roçadeiras. Por outro lado, em casos de capoeiras, o uso de equipamento manual, como terçados e inchadas, é suficiente.

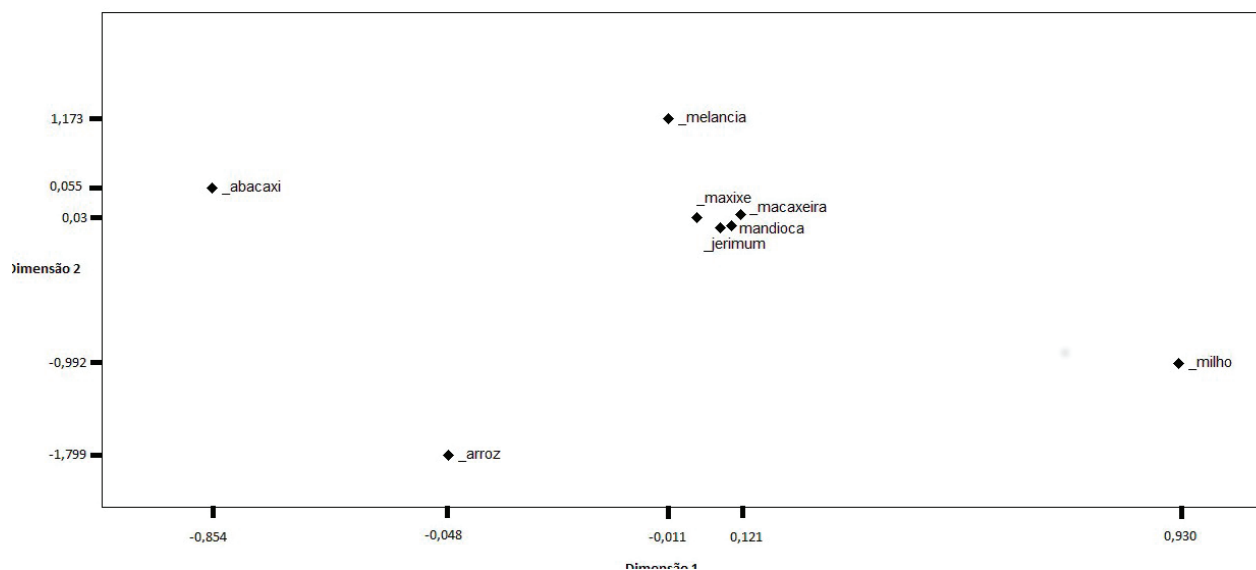


Figura 3. Diagrama de escalonamento multidimensional apresentando os agrupamentos das espécies cultivadas nos roçados de acordo com o Índice de Saliência Cultural, comunidade quilombola de Providência, Salvaterra, Ilha do Marajó, Pará, Brasil, 2019.

c) Queima: tem o principal objetivo de limpeza do local à plantação e uso das cinzas para adubar o solo para as plantas. De acordo com relatos dos moradores, a queima deve ser continuamente acompanhada pelo agricultor para conter o avanço do fogo em relação aos limites do roçado. Assim, o fogo é manejado no final da tarde, por volta das 17h, para evitar o excesso de calor, e fogo de grandes proporções. No caso de áreas com mata arbustiva ou reaproveitamento de áreas de roças antigas em estado de *juquirá* ou capoeira, não é necessária a queima, basta a capina e o corte.

d) Cercamento: após a queima, o roçado é cercado para impedir a entrada de animais, tais como porcos, gado, búfalos e veados, que se alimentam das plantas cultivadas, logo a cerca precisa ter mais de 1m de altura. Vale ressaltar que Lisboa (2016) caracteriza a região marajoara como um mosaico de vegetação com forte presença de campos naturais, que são excelentes para a criação de animais como o gado e porco, sendo estes últimos a principal ameaça ao roçado. Quando questionados sobre a possibilidade de criá-los presos, os moradores responderam que *“sai muito caro, tem que alimentar. Solto não, o campo alimenta. É melhor fazer acerca do que não criar. Porco come muito, o dia todo, é muita comida”*.

Para a construção do cercamento é realizado um mutirão, que se apresenta como um trabalho coletivo que reflete uma tradição identitária da comunidade que vai desde a escolha da madeira para a cerca até os cuidados cotidianos para sua manutenção.

Nesses mutirões, a família responsável fornece macaco e/ou tiborna para a realização de uma “brincadeira”, o que dinamiza a tarefa. Nesta construção, há um general, o responsável pela tarefa, e um comandante, que será indicado para fiscalizar cada etapa da construção. Inclusive, existem regras a serem seguidas, como, exemplo, não se pode deixar cair a madeira ou fincar à estaca errada e, descumprindo tais regras, se é multado e tem que pagar uma prenda, bebendo doses de macaco ou tiborna a serem definidas pelo comandante.

A madeira preferencialmente usada nos cercados é de caranã (*Mauritiella armata* (Mart.) Burret), por apresentar espinhos que ajudam a afastar os animais. As demais madeiras usadas são obtidas na capina da área destinada ao futuro roçado.

Depois de pronta, a manutenção da cerca é contínua, pois sempre aparecem brechas que facilitam a invasão de animais, conforme mencionado pelos moradores, é preciso visitar o roçado ao menos quatro vezes durante a semana.

e) Plantio: são plantadas diretamente no solo as estacas da maniva e as sementes do maxixe, jerimum, melancia, abacaxi e qualquer outra planta de preferência do agricultor, sem o uso de adubo ou qualquer agrotóxico.

f) Capina: é feita rotineiramente com a intenção de manter o local acessível e eliminar outras plantas indesejadas.

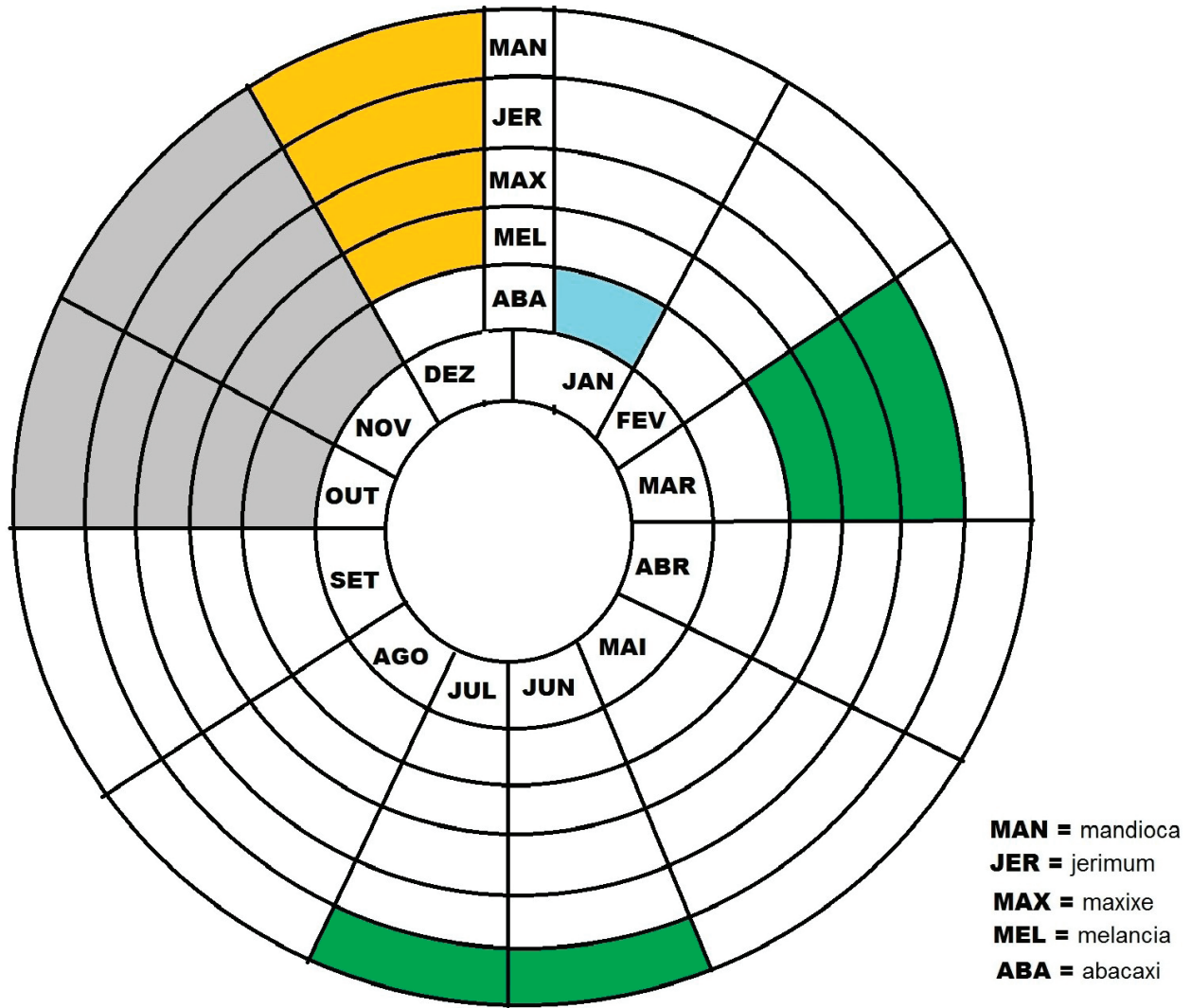
g) Colheita: depende muito de cada planta e da demanda. Por exemplo, o maxixe, o jerimum e a melancia podem ser colhidos com três meses, enquanto a macaxeira só pode ser colhida depois de seis meses, mas, prioritariamente, após um ano. O abacaxi, por outro lado, é colhido após um ano ou um ano e meio após o plantio.

Essas etapas se constituem como um ciclo anual, que se inicia com a derrubada e queima das matas no final do período seco, normalmente entre os meses de outubro e novembro, seguindo às fases de limpeza e implantação das cercas. Portanto, os meses de novembro e dezembro são destinados para o plantio das sementes e, em meados de março a abril, inicia-se o cultivo das plantações sazonais. A partir de junho, tem início a colheita das primeiras mandiocas plantadas, o que segue pelo restante do ano de acordo com a demanda familiar.

Quando as condições climáticas indicam um período chuvoso e período seco bem definidos, o ciclo dos plantios recomeça a partir de outubro, somente o abacaxi tem um ciclo que pode perdurar por mais de um ano (Figura 4).

É importante ressaltar que é comum ter mais de uma roça, a plantada e a madura: a roça plantada segue o cronograma anual, nela as mudas ficam preparadas para a colheita após seis meses, porém na maioria das vezes é realizada apenas a manutenção para usufruto

após a colheita completa da roça madura. Essa é a que apresenta mandiocas disponíveis para coleta após um ano de uso, e já apresentam em estado de regeneração inicial avançado, visto que a maior parte da atenção para manutenção é destinada aos novos roçados. Entre



LEGENDA

Queima e limpeza dos roçados



Plantio



Colheita



Plantio e colheita cultivo anual



Figura 4. Calendário agrícola das espécies cultivadas nos roçados da comunidade quilombola de Providência, Salvaterra, Ilha do Marajó, Pará, Brasil, 2019. PC – Período de Colheita. Como o abacaxi é um cultivo anual no mês de sua colheita, também é o mês de seu plantio em um novo roçado, por isso o azul marca apenas o mês de janeiro.

o plantio e as colheitas os cuidados e a vigilância dos roçados são constantes.

Organização dos roçados. É importante iniciar mencionando que a organização e distribuição dos cultivos no espaço do roçado atende o objetivo e a necessidade da agricultura e a preferência do agricultor. Os moradores adotam o modelo que mais lhe favorece no momento do plantio.

Dessa forma, as mandiocas podem ser agrupadas por variedade, e entre elas os cultivos sazonais (maxixe, melancia e jerimum) (Figura 5 – Modelo 1), ou também é possível encontrar roçados cujas mandiocas estão distribuídas aleatoriamente, formando um mosaico, e entre elas os cultivos sazonais (Figura 5 – Modelo 2).

Nos roçados com presença de abacaxi, há um espaço exclusivo e destinado a essa cultura, justamente por conta do crescimento das folhas pontiagudas e serreadas do fruto, que se entrelaçam e dificultam a locomoção do agricultor, bem como sua coleta (Figura 6- Modelo 3). Há também a possibilidade de aumentar o espaço entre os abacaxis e, neste espaço, plantar a mandioca, entretanto essas devem ser da variedade *pai mané*, por esgalharem pouco (não ramificam na base e há predominância de crescimento apical) e serem altas, desse modo não interferem no espaçamento dos abacaxis, permitindo

a mobilidade do agricultor. Elas devem ser colhidas com seis meses para não interferirem na adubação e na carburetagem, uso de insumo para induzir a floração do abacaxi (Figura 6 – Modelo 4).

Vê-se que os cultivos têm seus espaços muito bem delimitados, sendo peculiar a disposição das variedades de mandioca e o consórcio entre mandioca paimané e abacaxi. Essas configurações próprias atendem diretamente a necessidade do agricultor para autoconsumo e venda, assim como a manutenção das variedades.

Durante a colheita de mandioca para a produção de farinha, são coletadas diversas variedades e misturadas entre si durante o processo, entretanto os moradores destacam que, dependendo da necessidade produtiva, como é o caso do tucupí, é preferível selecionar mais mandiocas de batata (raíz) amarela, pois a cor é essencial para atestar a qualidade do produto, e para o preparo da maniçoba as de folhas não amargas.

A roça e a comunidade. Com base nas entrevistas e nas anotações de campo a respeito dos aspectos socioculturais que norteiam a atividade de roçado, homens, mulheres e crianças participam das atividades dos roçados, sendo visto como uma atividade coletiva que se estabelece dentro da unidade familiar. Logo, os homens dedicam maior parte do seu tempo à roça e à

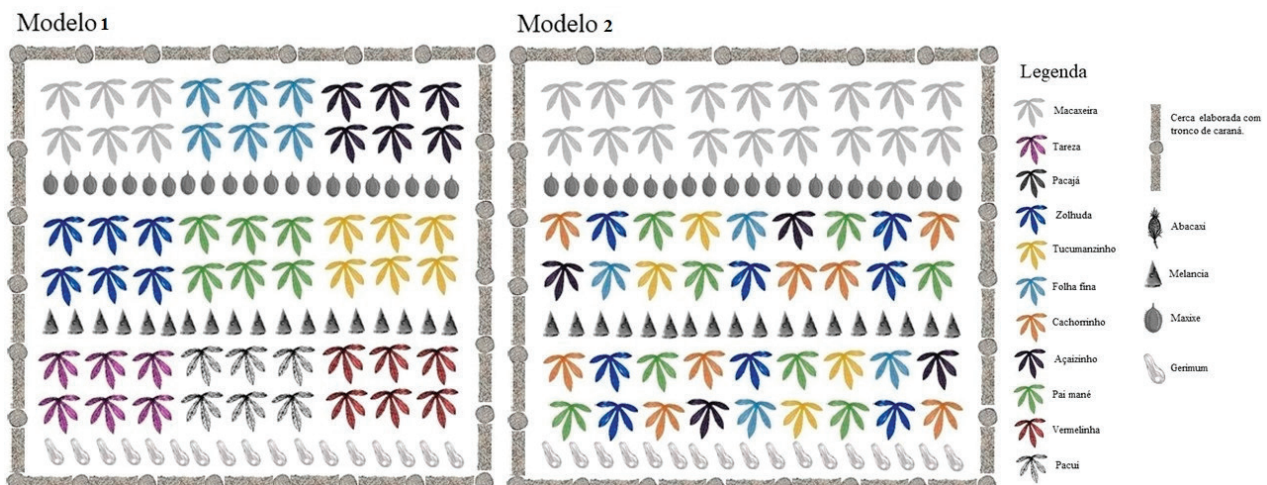


Figura 5. Croqui dos roçados de mandioca da comunidade quilombola de Providência, Salvaterra, Ilha do Marajó, Pará, Brasil, 2019. Modelo1 – Mandiocas agrupadas de acordo com a variedade. Modelo 2 – Mosaico de mandiocas distribuídas aleatoriamente. Em ambos os casos as culturas sazonais são plantadas nas entrelinhas das mandiocas.

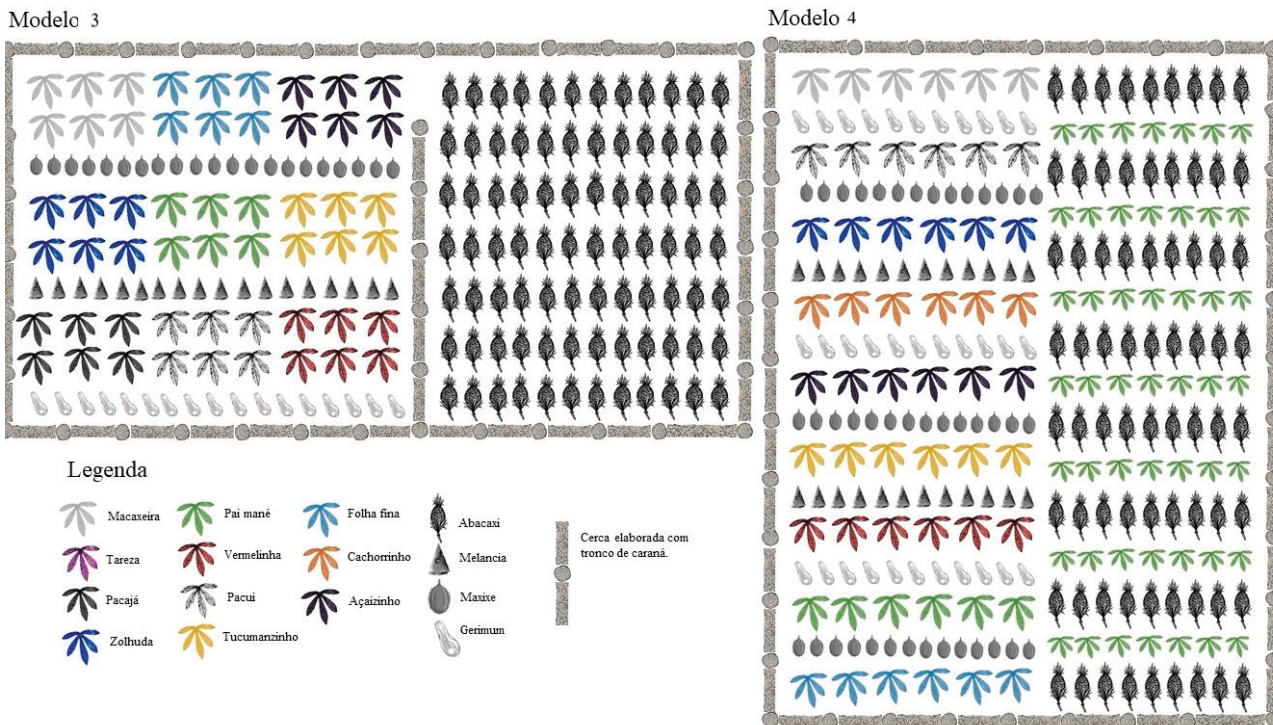


Figura 6. Croqui dos roçados de mandioca com presença do abacaxi da comunidade quilombola de Providência, Salvaterra, Ilha do Marajó, Pará, Brasil, 2019. Modelo 3 – Mandiocas agrupadas de acordo com a variedade e abacaxi separado. Modelo 4 – Mandiocas enfileiradas por variedades e entre as fileiras os cultivos sazonais, com abacaxi consorciado com mandioca da variedade *paimané*.

pescaria; as mulheres se dedicam a fazeres domésticos, bem como às atividades de roça e extrativismo; as crianças acompanham seus pais nos intervalos das atividades escolares, o que é regrado por brincadeiras com os animais e outras crianças e trazem uma contribuição mais simbólica, sobre o ofício do roçado, do que física.

A troca dos conhecimentos e dos costumes sobre o trabalho no roçado não é linear, ou seja, direta dos mais velhos para os mais novos, mas sim multilateral, transmitida pelo próprio convívio social, uma vez que a roça faz parte do cotidiano local. Portanto, crianças aprendem com crianças, com jovens e com adultos, assim como os adultos aprendem com as crianças e com os jovens. Um dos moradores relata que não aprendeu a fazer roça com o seu pai, que era vaqueiro e trabalhava embarcado (viajando em embarcações de pesca e transporte), mas que começou a roçar quando formou família e precisou se fixar, quando aprendeu com os demais moradores. Inclusive, essa relação de parentesco entre os moradores dentro de seus respectivos núcleos familiares, é um dos fatores de maior relevância para determinação

dos vínculos de ancestralidade e compartilhamento de conhecimentos.

As festividades religiosas como a Semana Santa e o Círio contribuem para a manutenção dos costumes e das práticas agrícolas. Os principais pratos como o beiju, farinha e maniçoba que regem as reuniões familiares nessas festividades tem como matéria prima a mandioca. Nas datas próximas a movimentação nos roçados é notável, bem como a anuidade desses eventos em consonância a prática agrícola.

DISCUSSÃO

O valor que as famílias atribuem a terra parte de uma concepção semelhante a apresentada por Cardoso (2015), na qual a terra é um bem de uso, cujo objetivo principal é garantir alimentação para as famílias. Nesse sentido, a produção de mandioca, maxixe, melancia e jerimum atendem a essa necessidade de forma mais imediata e primordial, enquanto a produção de abacaxi, destinada quase que integralmente à venda, visa a

obtenção de renda e diversificação dos componentes da dieta alimentar local, como a aquisição de produtos industrializados que não são produzidos na comunidade.

A espécie macaxeira (*Manihot esculenta* Crantz), é compreendida pela comunidade como outro tipo mandioca por conta de suas propriedades organolépticas associadas a doçura de suas raízes (menor concentração de cianeto). De acordo com Vale *et al.* (2004) essa característica está diretamente associada ao teor de cianeto, podendo ser também classificada em como mandioca mansa.

A presença das espécies de maxixe, melancia e jerimum nas roças constituem uma composição semelhante a apresentada por Steward *et al.* (2016), no qual essas espécies de ciclo curto agregam para a diversidade de cultivos dos roçados, tratando-se de espécies úteis de preferência da comunidade e que por consequência somam para a diversidade dos roçados.

Inclusive, o cultivo do milho na região amazônica antecede o período colonial, sendo uma das culturas mais antigas do continente americano, seu principal ponto de domesticação (Kistler, 2018). Nos registros do Pe. João Daniel, ele já coadjuvava com o cultivo da mandioca na região amazônica nas aldeias indígenas (Daniel, 2004).

O arroz, de acordo com Carney (2018), foi introduzindo nas Américas durante o período colonial, trazido pelas populações africanas e inicialmente cultivado pelos mesmos, uma vez que dispunham de toda uma experiência com o cultivo. Porém segundo Neves (2006) essa espécie já era cultivada pelas populações pré-colombianas antes da chegada dos colonizadores na região em que hoje se encontra o estado do Acre. Ou seja, tanto o milho como o arroz são culturas seculares na região amazônica e expressam a origem negra e indígena que comungam entre si na construção da identidade marajoara (Lisboa, 2016) tornando-se parte do repertório agroalimentar das comunidades quilombolas locais.

Entretanto, em função de um dinamismo cultural, como apresentado por Durham (2012), e por eventualidades,

como dificuldade de colheitas e perda das sementes, essas culturas foram abandonadas por alguns grupos humanos. Em Providência, de acordo com os relatos dos moradores, não se planta mais milho porque as sementes foram perdidas, enquanto o arroz é uma cultura que exige maior atenção e que não é vantajosa se comparada à mandioca.

Essa predominância do cultivo de mandioca nos roçados já vem sendo relatado nos trabalhos desenvolvidos na região amazônica, centro de origem dessa espécie, por Emperaire e Eloy (2008), Steward (2015), Moreira e Schimdt (2019), Viana *et al.* (2019) e na mesma região por Lisboa (2016), Rivera (2017), Melo (2016) e Lima (2019). Trata-se de um reflexo de sua importância nutricional e social, uma vez que representa um alimento destinado à produção de farinha de mesa, consumido principalmente como acompanhamento nas refeições e que também serve à composição de preparados como o cação (alimento preparado com a farinha cozida, retirada do forno antes da torração), caribé (mingau elaborado com farinha), beiju (alimento preparado com massa da mandioca compartilhado entre os moradores durante a semana santa), tapioca (preparada a partir da goma da extraída da massa da farinha durante o processo produtivo), macaco, tiborna.

Assim, tais alimentos valorados expressam a maneira como são lembrados pelos moradores em ordem de importância. De acordo com Battacharia (2013), a relevância social está diretamente ligada à reprodução social do grupo, uma vez que os roçados de mandioca, por meio das etnovarietades, do trabalho com a terra, dos ciclos de cultivo, das colheitas, da produção dos alimentos, do compartilhamento ou comercialização dos excedentes, integram o repertório cultural da comunidade juntamente às outras atividades desenvolvidas, portanto se inserem na ideia de patrimônio genético e cultural, discutida por Cardoso (2015), por se tratar de um bem para a comunidade.

Com uma produção voltada para o autoconsumo, o espaço é aproveitado para o cultivo de outras espécies sazonais como o maxixe, o jerimum e a melancia, que

são plantados juntamente com a mandioca e colhidos após três ou quatro meses, a partir do amadurecimento. Trata-se de um costume geracional e que permanece atualmente, como relatado por Lisboa (2012), como uma forma de aproveitar ao máximo a terra por meio de consórcios pouco exigentes ou até mesmo como uma estratégia de diversificação e manutenção da diversidade (Steward e Lima, 2017). O cultivo em espaços reduzidos decorre do aspecto fundiários, pois a titulação da terra é um processo que ainda não foi finalizado e pela necessidade de mão de obra, uma vez que áreas maiores exigem cercados mais extensos, bem como mais mão de obra familiar, sendo que em cada roçado trabalham de dois a quatro membros das famílias. Como já relatado por Nascimento e Perucchi (2020) e Furquim (2018), a opção pelas espécies a serem cultivadas é uma questão cultural somada a respostas adaptativas, bem como uma estratégia de segurança alimentar das comunidades.

Vimos que a plantação do abacaxi tem uma lógica produtiva distinta (venda), e por isso, sua produção segue o modelo de monocultivos. Em alguns casos, ele é plantado consorciado à mandioca e agrega valor à agrobiodiversidade local, como já foi sinalizado nos estudos de Lima (2019), Steward e Lima (2017), Rivera (2017), Melo (2016), Cardoso (2015) e Lisboa (2012), em cultivo solteiro ou consorciado à mandioca e espécies de ciclos curtos.

O abacaxi é um fruto de origem amazônica que, segundo Homma (2002), foi servido aos portugueses como sinal de cortesia no período colonial e sua produção se destaca no nordeste paraense, especialmente no município de Salvaterra, na Ilha do Marajó. O município de Salvaterra se destaca na produção do abacaxi e os pequenos agricultores estão entre os principais responsáveis por esse *status* (Homma, 2006). O referido autor retrata a importância da manutenção dos costumes tradicionais junto as técnicas de cultivo convencional, como a adubação para maior rendimento e qualidade da plantação de abacaxi. Essas técnicas são adotadas pelos moradores de Providência e, muitas vezes, aprendidas com atravessadores para manter o monocultivos.

Alguns dos atravessadores até mesmo financiam a produção do abacaxi com antecipação do pagamento de parte da safra, ou com o fornecimento de adubos e outros insumos. O manejo desses insumos por sua vez varia de agricultor para agricultor, a sua maneira, sendo muito comum a troca de experiências quanto as técnicas de cultivo e produção do abacaxi entre os moradores. O suporte técnico da EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural é incipiente, com visitas esporádicas, mas voltadas a produção de mel, deixando a desejar, no que se refere ao suporte a atividades agrícolas dos roçados como a produção de abacaxi e da mandioca.

Os roçados de Providência caracterizam-se como espaços de perpetuação da agrobiodiversidade, uma vez que abrigam ao longo de sua existência variedades de mandioca, macaxeira, abacaxi e espécies de cultivo sazonal. As culturas seguem o padrão apresentado em estudos desenvolvidos na região amazônica por Emperaire *et al.* (2016), com presença de culturas sazonais em meio as anuais.

Portanto, a relação da comunidade com seus cultivos é envolvida por um repertório sociocultural constituído pelas tradições místicas e religiosas, práticas agrícolas, formas de uso e consumo, festividades e relações de grupo, que são elementos fundamentais do conceito de agrobiodiversidade. Santilli (2009) e Stupino *et al.* (2014) ressaltam que a agrobiodiversidade deve ser compreendida para além da diversidade biológica dos sistemas de cultivo, mas como manifestação essencial dos conhecimentos, práticas e inventividade do ser humano com o meio natural como instrumento para promotor do processo evolutivo nos diversos níveis de organização biológica.

As mandiocas. As 12 etnovariedades de mandioca estão dentro do padrão de número de etnovariedades para a região, principalmente por se tratar de uma única comunidade, se comparado aos estudos de Emperaire e Eloy (2008), Lima *et al.* (2012) e Emperaire (2016).

Quanto aos nomes atribuídos a cada uma dessas etnovariedades, alguns estão associados a suas características

morfológicas como é o caso da açazinho que apresenta a entrecasca de suas raízes na coloração roxa e da tucumanzinho, cuja raiz apresenta tom alaranjado que muito se assemelha ao fruto conhecido como tucumã. Ou folha fina e preta que também são nomes associados as características morfológicas. Das etnovariedades tazeira e pai mané não se conhece a origem do termo, e segundo os moradores mais antigos, já as conheceram por esses nomes, porém suas características são muito particulares (folha bem verde e caule grosso e branco) auxiliam no seu reconhecimento. Assim como atestado por Emperaire (2016), muito dessa questão de nomenclatura advém de elementos da biodiversidade local, como acaizinho (açai - *Euterpe oleraceae* Mart.) e tucumanzinho (tucumã - *Astrocaryum vulgare* Mart.) o que justifica a associação de nomes a outras espécies vegetais e até mesmo animais. As etnovariedade são evidências de variabilidade genética, e a determinação dos nomes são reflexo a relação do homem com as plantas e que pode ser definido no momento do contato, e que pode ter como critério as características morfológicas e/ou sensoriais (Lambaré e Pochettino, 2012).

Agricultura de coivara. As etapas de preparação do roçado são semelhantes às relatadas por Cardoso (2015), Lisboa (2016), Steward *et al.* (2016), Viana *et al.* (2016) e Moreira e Schmitz (2019) em relação à seleção das áreas para roça em terreno comum, derrubada da mata, estabelecimento de aceiros e queima. Lisboa (2016) retrata que os mutirões são comuns na região marajoara, porém cada comunidade tem sua releitura da prática.

Como visto, os mutirões são atividades coletivas organizados pela família que tem a intenção de construir o roçado, mas conta com a colaboração dos membros das demais famílias. Logo, Schmitz *et al.* (2017) apontam que a reciprocidade é um dos pilares fundamentais das ações coletivas, o que Sabourin (2008) indica como um tríplice obrigação de “dar, receber e retribuir” pautado no princípio da dádiva. Esta prática, por envolver todo um processo produtivo colaborativo, contribui para o estreitamento de laços e atribui um caráter descontraído ao trabalho.

Vale ressaltar que a agricultura de corte e queima segue, os padrões da agricultura tradicional amazônica, como apresentado por Emperaire (2016), sendo que a queima é seguida de longos períodos de pousio (8 a 10 anos) para a devida regeneração e introdução de um novo ciclo de cultivo. Pedroso Junior (2008) e Viana *et al.* (2016) relatam que tal prática é sustentável, desde que respeite um período de pousio e que a quantidade de ciclos de cultivo seja adequada.

Porém, ambos autores apontam que esse modelo apresenta pontos negativos, tal como a supressão da mata e o uso do fogo, mas, como pontos positivos, permite o aumento da variabilidade genética que acompanha o estado sucessional e regenerativo da área, sendo imprescindível para isso o respeito do tempo de pousio adequado (8 a 10 anos).

Quanto a isso é importante ressaltar que na comunidade as áreas de roçado só são implantadas em áreas de mata com presença de madeira a ser usada na construção do roçado, logo as áreas em estado de regeneração, como capoeiras em estado inicial, não interessam aos moradores, pois não apresentam madeira suficiente para serem utilizadas na construção dos cercados. Portanto, a presença de madeira é um dos fatores limitantes para a implantação dos roçados.

Organização dos roçados. Em relação ao consórcio entre abacaxi e mandioca, trata-se de uma prática antiga, que era desenvolvida pelos primeiros moradores locais, sendo um cultivo muito efetivo, pois permite um melhor aproveitamento da área, como visto. De acordo com Homma *et al.* (2006), o abacaxi é um cultivo perfeitamente associável a mandioca, bem como também milho e arroz.

O referido autor desenvolveu estudos na região de Salvaterra e em outros municípios do Marajó e diz que cultura do abacaxi sempre se destacou na região. Em síntese, os estudos permitiram a elaboração de material de apoio técnico, que, junto ao trabalho da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal - Emater, associados às políticas públicas,

tal como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar - Pronaf, contribuíram para a expansão do cultivo do abacaxi na região, principalmente na agricultura tradicional familiar.

Neste contexto, é importante reavaliar que os esforços técnicos e as políticas públicas deferidas ao pequeno produtor, tendo em vista que os relatos apresentados apontam para uma dificuldade de acesso a créditos, bem como a desvantagem de acessar o Pronaf perante os benefícios ofertado pelos atravessadores. Outro relato comum é em relação à insuficiência de suporte técnico, pois apenas se presta orientações para plantações de abacaxi, mas não se desenvolvem ideias de plantação consorciada ou orientações para a produção da mandioca, visto ser a cultura predominante do local.

A herança. As relações socioculturais que envolvem os roçados na comunidade quando interpretadas nas ideias de Lima *et al.* (2005) retratam a unidade familiar e os vínculos de parentescos como estruturadores dos costumes que atestam a identidade local por meio de práticas coletivas do trabalho como a roça. Alinhado a essa ideia, Rodrigues (2018) enfatiza que o conjunto de conhecimentos tradicionais acerca dos roçados se alicerçam nas práticas sociais cotidianas e no histórico agrícola dos grupos tradicionais. Logo, o processo de abstração do conhecimento, assim como proposto por Fantin (2015), segue o molde da aprendizagem significativa, no qual se aprende por meio da vivência, interação, prática e convívio, para além da oralidade (Figura 7).

CONCLUSÃO

A agrobiodiversidade dos roçados da comunidade quilombola de Providência está dentro do padrão que vêm sendo registrado para a região amazônica, com destaque para a mandioca e suas 12 etnoviedades. Com exceção do abacaxi, todos os cultivos são destinados para o autoconsumo das famílias. A lógica de cultivo, bem como a composição dos roçados está diretamente associado a cultura local, bem como suas particularidades, como o próprio autorreconhecimento

dos moradores quanto a identidade de quilombola, as rotinas e as práticas de manejos desenvolvidas pela comunidade. A cultura do abacaxi não apresenta uma ameaça eminente (quanto a sua expansão como monocultivos nas demais comunidades da região), visto que a comunidade zela pela diversidade do roçado, principalmente no que se refere as etnoviedades de mandioca.

As roças atuam como verdadeiros bancos germoplasma das etnoviedades de manivas, e o arcabouço cultural agregado a elas, podem ser identificados na nomenclatura atribuída a cada uma pelos moradores considerando aspectos para além da morfologia como a própria preferência de uma determinada etnoviedade para o preparo de um certo alimento. Fato esse perfeitamente explícito nos resultados da lista livre, que esclarece a importância dos laços entre os moradores e a mandioca, em específico, é importante para a permanência da cultura e assim dos roçados.

Quanto ao abacaxi, o valor atribuído a ele é essencialmente comercial como uma das principais formas de obtenção de renda da comunidade. Entretanto, além dos aspectos produtivos, os roçados são lugares dotados de expressão cultural e tradição, seja no cultivo de variedades herdadas ao longo de gerações, seja na forma como se executa o trabalho na mesma.

Os mutirões agregar famílias e moradores em um costume histórico que reforça os laços dos coletivismos para o cercamento que viabiliza a existência das roças. As atividades nela exigem o envolvimento de todos os membros da família, até mesmo as crianças, em seus horários livres e de forma descontraída, que participam e aprendem o ofício com mais velhos.

As bebidas e alimentos oriundas do roçado, como o tucupí, o beiju, a farinha e o macaco/tiborna são apreciadas por todos e integram a alimentação local. Assim, com o passar do tempo, esse conjunto de saberes transmitidos mantém viva a memória ancestral ao mesmo tempo em que se agregam novidades pela introdução de novas variedades e cultivos.



Figura 7. A rotina da comunidade quilombola de Providência, Salvaterra, Ilha do Marajó, Pará, Brasil, 2019 e a aprendizagem significativa por meio da Vicência cotidiana. A) Família visitando o roçado para colheita de mandioca (a área de plantação da mandioca e demais cultivos está localizada posteriormente a plantação de abacaxi); B) Pesquisador acompanhando o processo de colheita; C) Broto de mandioca; D) Produção de farinha de mandioca – Torração da massa no forno.

Os roçados se afirmam como instrumentos identitários da comunidade, que acabam negligenciados pela falta de apoio do estado, seja por via técnica ou pela instauração de medidas parlamentares que dificultam a proposição de políticas públicas de amparo. Portanto, estudos e pesquisas que busquem por medidas de registro e acompanhamento, bem como a otimização da produção com a manutenção das etnovariedades, com prospecção de agregar novas e até mesmo resgatar espécies que estão presentes apenas nas memórias dos moradores como o arroz, e que incentivem a produção e a perpetuação dos costumes são necessárias.

AGRADECIMENTOS

Aos moradores das comunidades quilombolas de Providência e Deus Ajude por compartilharem seus conhecimentos e pelo acolhimento e ao projeto Comida de Quilombo pelo suporte e amparo durante a pesquisa.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES pela bolsa de estudo concedida.

LITERATURA CITADA

- Adams, C., R. Murrieta, R. e W. A. Neves. 2006. *Sociedades Caboclas Amazônicas: Modernidade E Invisibilidade*. Annablume. Brasil.
- Albuquerque, U. P. 2008. *Introdução à etnobotânica*. NUPEA. Brasil.
- Altieri, M. A., V. M. Toledo. 2011. The agroecological revolution in Latin America: rescuing nature, ensuring food sovereignty and empowering peasants. *Journal of Peasant Studies* 38(3): 587-612.
- Amazonas, N. T. 2018. *Plantações mistas de alta diversidade no Brasil: Eucalyptus intercalado com espécies arbóreas nativas*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo (USP). Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz.
- Bernard, H. R. e C. C. GRAVLEE. 2005. *Handbook of methods in cultural anthropology*. Rowman & Littlefield. Suécia.
- Boni, V. e S. J. Quaresma. 2005. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Em Tese* 2 (1): 68-80.
- Borgatti, S. 1989. Usando a Anthropac para investigar um domínio cultural. *Boletim Informativo sobre Métodos de Antropologia Cultural* 1(2): 11.
- Borgatti, S. 1992. *ANTHROPAC 4.0 Reference manual. Natick: Analytic Technologies*
- Bhattacharya, T. 2017. *Social reproduction theory: Remapping class, recentring oppression*. Pluto Press. Inglaterra.
- BRASIL. 2003. *Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003*. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos que trata do art. 68 do ato das disposições gerais Constitucionais Transitórias. Diário Oficial, Brasília, DF, 26 de nov.
- Brewer, D.D. 2002. Técnicas de entrevista suplementares para maximizar a produção em tarefas de listagem gratuita. *Métodos de campo* 14 (1): 108-118.
- Cardoso, L. F. C. 2015. “O suor marca a terra”: trabalho, direito e território quilombola na Ilha do Marajó, Pará. *Ambiente & Sociedade* 18(2): 75-92.
- Carney, J. 2018. *Arroz Negro. As Origens Africanas do Cultivo do Arroz nas Américas*. Bissau: Instituto da Biodiversidade e das Áreas Protegidas.
- Clement, C. R. 2001. Melhoramento de espécies nativas {Improvement of native species}. En: Nass, L. L., Valois, A. C. C., Melo, I. S.; Valadares-Ingliš, M. C (eds.). *Recursos genéticos & melhoramento - plantas. Fundação de Apoio à Pesquisa Agropecuária de Mato Grosso - Fundação MT, Rondonópolis, MT. Brasil*.
- Cunha, A. A., C. N. Cambraia e H. Megale. 1999. A carta de Pero Vaz de Caminha: reprodução fac-similar do manuscrito com leitura justalinear. *Humanistas/FFLCH/USP*. São Paulo, Brasil.
- Daniel, J. 2004. *Tesouro descoberto no máximo do Rio Amazonas*. Contraponto, v.1, Rio de Janeiro, Brasil.
- Duarte, G. S. D. e M. C., Pasa. 2016. Agrobiodiversidade e a etnobotânica na comunidade São Benedito, Poconé, Mato Grosso, Brasil. *Interações (Campo Grande)* 7(2): 247-256.
- Empeaire, L. e L. Eloy. 2008. A cidade, um foco de diversidade agrícola no Rio Negro (Amazonas, Brasil)? *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas* 3(2): 195-211.
- Empeaire, L., L. Eloy e A. C. Seixas. 2016. Redes e observatórios da agrobiodiversidade, como e para quem? Uma abordagem exploratória na região de Cruzeiro do Sul, Acre. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas* 11(1): 159-192.
- Empeaire, L. 2017. Saberes tradicionais e diversidade das plantas cultivadas na Amazônia. *Knowing our Lands and Resources* 1:41.
- Fantin, M. 2015. Novos Paradigmas da didática e a proposta metodológica dos Episódios de Aprendizagem Situada, EAS. *Educação & Realidade, Porto Alegre* 40(2): 443-464.
- Feldens, L. 2018. *O homem, a agricultura e a história*. Lajeado: Ed. Univates. Brasil.
- Ferreira, W., N. L. Alencar e U. P. Albuquerque. 2014. *Methods for Data Collection in Medical Ethnobiology*. In: *Methods and Techniques in Ethnobiology and Ethnoecology*. Humana Press, New York, USA.
- Furtado, M. B., R. S. L. Pedroza e C. B. Alves. 2014. Cultura, identidade e subjetividade quilombola: uma

- leitura a partir da psicologia cultural. *Psicologia & Sociedade* 26(1): 13.
- Furquim, L.P. 2018. *Arqueobotânica e mudanças socioeconômicas durante o Holoceno Médio no sudoeste da Amazônia*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- Gomes, D. L., H. Schmitz e B. F. de Oliveira. 2018. Identidade e mobilização quilombola na Amazônia marajoara. *Boletim Goiano de Geografia* 38(3): 591-618.
- Guimarães, J. T. da S. 2020. Ser Negro No Marajó: Notas Sobre Identidade E Racismo Na Amazônia Paraense. *@rquivo Brasileiro De Educação*, 8(17): 80-106. <https://doi.org/10.5752/P.2318-7344.2020v8n17p80-106>
- Homma, A. K. O. R. da A. Carvalho, L. P. Pinto, A. F de Souza, A. R. Dias, R. F. D. da Glória. 2002. Custo de produção de abacaxi no sudeste paraense. *Embrapa Amazônia Oriental- Documentos (INFOTECA-E)*. Brasil.
- Homma, A. K. O., A. J. E. A. de Menezes, G. B. de Matos. 2006. Custo de produção de abacaxi no Município de Salvaterra, Ilha de Marajó. *Embrapa Amazônia Oriental-Documentos (INFOTECA-E)*. Brasil.
- IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA; ESTATÍSTICA. BIBLIOTECA CENTRAL. *Catálogo*. 2010. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/para/salvaterra.pdf>. (Verificado em dezembro de 2018).
- Klstler, L., S. Y. Maezumi, J. G. de Souza, N. A. Przelomska, F. M. Costa, O. Smith, R. R. Morrison. 2018. Multiproxy evidence highlights a complex evolutionary legacy of maize in South America. *Science* 362(6420): 1309-1313.
- Lambaré, D.A.; Pochettino, M.L. 2012. Diversidad local y prácticas agrícolas asociadas al cultivo tradicional de duraznos, *Prunus persica* (Rosaceae), en el noroeste de Argentina. *Darwiniana* 174-186.
- Lima, D. 2005. *The Roça Legacy: land use and kinship dynamics in Nogueira, an Amazonian community of the middle Solimões region*. In: HARRIS, Mark; NUGENT, Stephen (Orgs.). *Some other Amazonians: perspectives on modern Amazonia*. Londres: University of London, Institute of Latin American Studies. Inglaterra.
- Lima, D., A. M. Steward e B. T. Richers. 2012. Trocas, experimentações e preferências: um estudo sobre a dinâmica da diversidade da mandioca no médio Solimões, Amazonas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas* 7(2): 371-396.
- Lima, J. S. G. 2017. Segurança alimentar e nutricional: sistemas agroecológicos são a mudança que a intensificação ecológica não alcança. *Ciência e Cultura* 69(2): 49-50.
- Lima, P. G. C., R. O. da Silva, M. R. Coelho-Ferreira, J. L. G. Pereira. 2013. Agrobiodiversidade e etnoconhecimento na Gleba Nova Olinda I, Pará: interações sociais e compartilhamento de germoplasma da mandioca (*Manihot esculenta* Crantz, Euphorbiaceae). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas* 8(2): 419-433.
- Lisboa, P. L. B. 2012. *A terra dos Aruã: uma história ecológica do arquipélago do Marajó*. Museu Paraense Emílio Goeldi, Brasil.
- Martins, P. S. 2005. Dinâmica evolutiva em roças de caboclos amazônicos. *Estudos Avançados* 19(53): 209-220.
- Martins-Da-Silva, R. C. V., A. S. L. Silva, M. M. Fernandes e F. L. Margalho. 2014. *Noções morfológicas e taxonômicas para identificação botânica*. Embrapa Amazônia Oriental. Brasil.
- Mcgrath, D. G. 1987. The role of biomass in shifting cultivation. *Human Ecology* 15(2): 221-242.
- Michelat, G. 1987. Sobre a utilização da entrevista não-diretiva em sociologia. *THIOLENT, M. Crítica metodológica, investigação social e enquete operária* 5: 191-212.
- Moreira, É. da C., H. Schmitz. 2019. A roça, o retiro e a “tapera”: descrevendo os sistemas de produção familiares no município do Acará, Pará, Brasil. *Caribeña de Ciencias Sociales*.
- Nascimento, E.C.; Peruchi, L.C. 2020. A roça nossa de cada dia: segurança alimentar e nutricional através da produção para subsistência na Comunidade Quilombola do Baixo Acaraqui, PA. *Cadernos de Agroecologia* 15 (2).

- Nascimento, A.S., Barros, F.B. 2019. Entre mangues, rios e igarapés: pesca, comida e cultura no quilombo de Mangueiras (Ilha do Marajó, Pará). *ETNOBIOLOGÍA* 17 (3), 78-98.
- Nogueira, R. F. 2007. *As roças na Reserva Extrativista Riozinho do Anfrísio: um estudo sobre agrobiodiversidade, conhecimentos tradicionais e práticas entre os povos beiradeiros da Terra do Meio – Amazônia*. 2007. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará.
- Neves, E. 2006. *Arqueologia da amazônia*. Zahar.
- Padoch, C. e M. Pinedo-Vasquez. 2010. Saving slash-and-burn to save biodiversity. *Biotropica* 42(5): 550-552.
- Paschoarelli, L. C., F. O. Medola e G. H. C. 2015. Bonfim. Características Qualitativas, Quantitativas e Quali-quantitativas de Abordagens Científicas: estudos de caso na subárea do Design Ergonômico. *Revista de Design, Tecnologia e Sociedade, São Paulo* 2(1): 65-78.
- Pedroso Júnior, N. N., R. S. S. Murrieta e C. Adams. 2008. A agricultura de corte e queima: um sistema em transformação. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas* 3(2): 153-174.
- Pereira, K. J. C. 2008. *Agricultura Tradicional e manejo da agrobiodiversidade na Amazônia Central: um estudo de caso nos roçados de mandioca nas Reservas de Desenvolvimento Sustentável Amanã e Mamirauá, Amazonas*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- Rego, A. K. C., O. R. Kato. 2018. Agricultura de corte e queima e alternativas agroecológicas na Amazônia. *Novos Cadernos NAEA* 20 (3).
- Rodrigues, C. L. *O Lugar do Fandango Caiçara: natureza e cultura de” povos tradicionais”, direitos comunais e travessia ritual no Vale do Ribeira (SP)*. 2013. Tese de Doutorado. UNICAMP.
- Sabourin, E. 2008. Marcel Mauss: da dádiva à questão da reciprocidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 23(66): 131-138.
- Salvaterra, Inventário da oferta turística de Salvaterra. Secretaria Municipal de turismo, cultura e esporte. Salvaterra, Ilha do Marajó – PA. 2012.
- Sander, N., J. C. de Arruda, C. J. da Silva, F. B. Barros. 2014. Traditional ecological knowledge of palms by quilombolas communities on the Brazil-Bolivia border, Meridional Amazon. *Novos Cadernos NAEA* 17(2): 123-140.
- Santilli, J. 2009. *Agrobiodiversidade e direito dos agricultores*. São Paulo: Editora Petrópolis. Brasil.
- Schmitt, A., M. C. M. Turatti, M. C. P de Carvalho. 2002. A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas. *Ambiente & Sociedade* (10): 129-136.
- Schmitz, H., D. M. da Mota, D. M. e G. M. Sousa. 2017. Reciprocidade e ação coletiva entre agricultores familiares no Pará. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas* 12(1): 201-220.
- Sharma, G. e L. K. Rai. 2012. Climate change and sustainability of agrodiversity in traditional farming of the Sikkim Himalaya. *Climate Change in Sikkim Patterns, Impacts and Initiatives*. Information and Public Relations Department, Government of Sikkim, Gangtok.
- Simpson, E. H. 1949. Measurements of diversity. *Nature* 163: 668.
- Souza, M. A. de. 2018. *De lembrar, de ter e de comer. A cultura alimentar e a manutenção da agrobiodiversidade na comunidade Quilombola de Raiz*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.
- Steward, A. M., C. Rognant e S. V. do Brito. 2016. Roça sem fogo: A visão de agricultores e técnicos sobre uma experiência de manejo na Reserva de Desenvolvimento Sustentável AMANÃ, Amazonas, Brasil. *Biodiversidade Brasileira* 6(2): 71-87.
- Steward, A. M. e D. de M. Lima. 2017. “We Also Preserve”: Quilombola Defense of Traditional Plant Management Practices Against Preservationist Bias in Mumbuca, Minas Gerais, Brazil. *Journal of Ethnobiology* 37(1): 141-165.
- Stupino, S., M. J. Lermanó, N. A. Gargoloff y M. M. Bonicatto. 2014. La biodiversidad en los agroecosistemas. *Agroecología: bases teóricas para el diseño y manejo de agroecosistemas sustentables. Colección libros de cátedra*. Editorial de la Universidad Nacional de La Plata.
- Stupino, S., lermanó, M. J., Gargoloff, N. A., & Bonicatto, M. M. 2014. La biodiversidad en los agroecosistemas. *Agroecología: bases teóricas*

para el diseño y manejo de agroecosistemas sustentables. Colección libros de cátedra. Editorial de la Universidad Nacional de La Plata. *Capítulo, 5,* 131-158.

Torres, M. 2008. A DESPENSA VIVA: um banco de germoplasma nos roçados da floresta. *Geografia em Questão* 4(2).

Valladares, L. 2007. Os dez mandamentos da observação participante. *Revista brasileira de ciências sociais* 22(63): 153-155.

Veasey, E. A., F. A. Piotto, W F, D. Nascimento, J. F. Rodrigues, T. F. Mezette, A. Borges, F. A. Biguzzi, F. R. C. Dos Santos, G. R. Sobierajski, G. H. Recchia y J. C. Mistro. (2011). Processos evolutivos e a origem das plantas cultivadas. *Ciência Rural* 41(7), 1218-1228.

Viana, F. M. de F., A. M. Steward e B. T. T. Richers. 2016. Cultivo itinerante na Amazônia central: manejo tradicional e transformações da paisagem. *Novos Cadernos NAEA* 19 (1).

Vinuto, J. 2016. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas* 44.